

Chineses na América Latina oitocentista: trabalho compulsório em escala global

Marcelo Mac Cord*

MEAGHER, Arnold J. *The coolie trade: the traffic in Chinese laborers to Latin America, 1847-1874*. Bloomington, IN: Xlibris Corporation, 2008. 486p.

Palavras-chave: trabalho compulsório; América Latina; chineses.

Originalmente, *The coolie trade* é fruto da tese de doutorado de Arnold J. Meagher, defendida no ano de 1975 na Universidade da Califórnia. Nessa renomada instituição de ensino, o imigrante irlandês doutorou-se em História da América Latina. Em sua trajetória profissional, o pesquisador lecionou por um breve período na Universidade de Houston, mas preferiu atuar como consultor no mundo dos negócios. Certamente, isso permite que compreendamos o interregno entre a defesa da tese e o lançamento de sua versão revista e ampliada, ocorrido em 2008. Atento também às conjunturas e aos apelos de inícios do século XXI, Arnold J. Meagher publicou seu trabalho em um momento de forte interesse chinês pelos mercados latino-americanos.

Do ponto de vista mais geral, *The coolie trade* faz uma densa análise demográfica, econômica, política e social sobre a presença de imigrantes chineses na América do Sul e no Caribe entre os anos de 1847 e 1874. Isso, sem se descuidar das múltiplas condições históricas que forçaram os súditos do Império Celestial a emigrarem de sua terra natal. Baseado em dados empíricos recolhidos em várias partes do mundo, Arnold J. Meagher estima que, no período em quadro, mais de 250 mil chineses desembarcaram nos portos daquelas localidades do Novo Mundo. Segundo o autor, todos chegaram sob o regime de engajamento e de trabalho compulsório, definidos pela bibliografia internacional especializada como *indentured labour*.¹

* Mestre, doutor e pós-doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor de *O Rosário de D. Antônio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife* (Editora da UFPE, 2005) e *Artífices da cidadania: mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista* (Editora da Unicamp, 2012). Junto com Claudio Batalha, organizou a coletânea intitulada *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)* (Editora da Unicamp, 2014).

¹ Arnold J. Meagher não faz um debate com a mais recente bibliografia sobre o *indentured labour*. Talvez por não conhecê-la e/ou por não se preocupar em fazer comparações com o trabalho do negro emancipado. Para saber mais sobre a bibliografia mais recente, consultar, entre outros, STANLEY, Amy Dru. *From bondage to contract: wage labor, marriage, and the market in the age of slave emancipation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. HAY, Douglas e CRAVEN, Paul (orgs.). *Masters, servants, and magistrates in Britain and the Empire, 1562-1955*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004. LINDEN, Marcel van der. *Workers of the world: essays toward a global labor history*. Leiden: Brill, 2008. STEINFELD, Robert.

Os nove capítulos de *The coolie trade* são dialógicos e orgânicos. Eles tratam de uma gama muito ampla de assuntos, como, por exemplo, os debates historiográficos sobre o mundo do trabalho compulsório, as formas de recrutamento e de contratação dos chineses, os portos de onde partiram e sob que condições, o desumano tratamento durante as viagens transoceânicas, os motins e as mortes nos navios, as lutas dos trabalhadores imigrantes contra a exploração em terras americanas, o problema da alteridade e da intolerância e as conjunturas que extinguiram o *coolie trade*. Para Arnold J. Meagher, esta última expressão era um eufemismo colonizador que escamoteava práticas socioeconômicas muito semelhantes ao *slave trade* atlântico.

O trabalho com as fontes é modelar em *The coolie trade*. Cotejando os mais variados documentos (manuscritos e impressos) que pesquisou em arquivos de Londres, Lisboa e Washington, Arnold J. Meagher construiu, entre outros recursos metodológicos, tabelas que permitem a análise de importantes dados demográficos e sociais. Vários mapas e figuras (pinturas, gravuras, desenhos) também nos ajudam a visualizar alguns espaços da China e os costumes que envolviam a vida cotidiana de seu povo – certamente, pouco conhecidos pelo público ocidental. Ao final da publicação, em seus apêndices, algumas fontes são generosamente reproduzidas pelo autor, como, por exemplo, regulamentos, leis e contratos.

Ainda atento às informações mais gerais do *The coolie trade*, seu primeiro marco temporal, 1847, remete o leitor à chegada de 571 chineses a Cuba. Segundo Arnold J. Meagher, esse foi o resultado do primeiro acordo diplomático que permitiu a vinda dos trabalhadores asiáticos para o Novo Mundo. Eles partiram do porto de Amoy, localizado em Fukien. Não por acaso, tendo em vista a economia cubana, a província chinesa era conhecida por seus afamados plantadores de cana-de-açúcar. O outro marco, 1874, registrou a proibição do embarque de chineses pelo porto de Macau – por onde a maior parte dos navios zarpou em direção à América do Sul e ao Caribe. No período, a interdição se deu porque o negócio ficou conhecido como a "nova escravidão".

Antes dos anos 1840, contudo, como sublinha Arnold J. Meagher, encontramos planos de "substituição" da mão de obra africana pela asiática no Novo Mundo. Eles ganharam seus primeiros contornos no final do século XVIII. As ações mais efetivas foram realizadas no início do século XIX, quando os ingleses se preparavam para abolir o tráfico de africanos escravizados em seus domínios. Em 1806, por exemplo, os britânicos foram mal sucedidos em uma experiência pioneira de introdução de trabalhadores chineses na ilha de Trinidad, localizada no Mar das Caraíbas. Em mesma época, autoridades do império português (um ouvidor de Macau e um desembargador baiano) planejaram o uso de mão de obra chinesa em terras americanas.²

Arnold J. Meagher afirma que a década de 1840 foi um divisor de águas na contratação de trabalhadores chineses. Até então, as leis chinesas proibiam

Coercion, contract and free labor in the nineteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. STEINFELD, Robert. *The invention of free labor: the employment relation in English & American law and culture, 1350-1870*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991. ENGERMAN, Stanley (org.). *Terms of labor: slavery, serfdom, and free labor*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

2 O projeto imperial português de utilização de trabalhadores chineses em terras americanas, especialmente após a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, tem sido meu mais recente objeto de estudo. Os primeiros resultados dessa pesquisa serão brevemente publicados sob o seguinte título: "Os trabalhadores chineses recém-chegados às terras brasileiras: experiências cotidianas, contratos, acordos desrespeitados e lutas nos tempos joaninos".

a emigração dos súditos do Império Celestial. Entretanto, em 1843, pressões britânicas permitiram que alguns deles fossem empregados em suas possessões no Sudeste Asiático. Em 1860, por sua vez, com a cidade de Pequim invadida por forças europeias, o imperador chinês foi obrigado a ceder aos interesses dos capitalistas, ávidos por mais mão de obra barata no continente americano. Poucos anos antes, em 1858, ingleses e franceses haviam tomado o Cantão, a mais importante conexão que ligava a China ao Ocidente, obrigando seus administradores a desrespeitarem a tradicional determinação.

No transcorrer da segunda metade do século XIX, a diáspora chinesa teve um perfil social e demográfico muito regular. Segundo as pesquisas realizadas por Arnold J. Meagher, os trabalhadores chineses que embarcaram para o Novo Mundo eram majoritariamente homens solteiros que viajavam sozinhos. Aceitavam o contrato temporário porque pretendiam voltar para sua terra natal. Isso porque, continua o autor, do ponto de vista cultural, eles encaravam os estrangeiros como indivíduos bárbaros e eram profundamente ligados à ancestralidade. Esse último aspecto era um compromisso firmado pelos princípios confucionistas, visão de mundo largamente disseminada entre os súditos do Império Celestial na mais longa duração.³

The coolie trade indica que três fatores impulsionaram a diáspora chinesa para a América do Sul e o Caribe. O primeiro deles, a crise alimentar dos anos 1841-1850, que gerou migrações entre as províncias e lutas sangrentas entre etnias. O outro fator, mais conhecido do público ocidental, foi a Guerra do Ópio. Ocorrido entre os anos 1839-1842, o conflito com a Inglaterra, que não queria perder seu lucrativo negócio, gerou uma grave crise financeira no Império Celestial – forçado, por exemplo, a pagar uma robusta indenização ao vencedor. Por último, uma série de rebeliões internas ocorridas entre 1851-1864. O saldo foi de 16 províncias devastadas, 600 cidades pilhadas, entre 20 e 30 milhões de pessoas mortas e outros tantos milhões na mais completa miséria.⁴

Além de inaugurar o chamado *coolie trade*, Cuba foi a localidade latino-americana que mais recebeu trabalhadores chineses entre 1847 e 1874. No livro, o Peru surge como o segundo da lista. Cuba e Peru receberam quase todos os imigrantes. Na região andina, Chile e Equador também contaram com a mão de obra asiática. Contingentes menos expressivos desembarcaram nas colônias britânicas, francesas e holandesas. Segundo Arnold J. Meagher, muitos veteranos do tráfico atlântico de africanos escravizados participaram do negócio transoceânico. A viagem era longa, sofrida e repleta de castigos. Em Cuba, por exemplo, por causa dessa atmosfera, muitos estrangeiros e locais chamavam os chineses de "escravos temporários".

3 Até hoje alguns princípios confucionistas (respeito aos ancestrais e às hierarquias, por exemplo) marcam a vida cotidiana dos chineses. A revolução cultural maoista perseguiu as antigas tradições chinesas, por considerá-las uma ameaça à renovação social e ao (pretensão) igualitarismo comunista. No tempo presente, percebendo o profundo enraizamento desses valores milenares no *ethos* da população comum, o Partido Comunista Chinês se apropria de certos valores confucionistas para garantir a "harmonia social" e o respeito à sua autoridade. Entre outros, consultar: CHAN-RODRÍGUEZ, Eugenio. "El confucianismo". In: *Diásporas chinas a las Américas*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2015, p. 55-73. PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China, passado e presente: um guia para compreender a sociedade chinesa*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013, p. 187-188. TREVISAN, Claudia. *Os chineses*. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 266.

4 No imaginário sociopolítico chinês, o século XIX, por causa dos referidos acontecimentos, é descrito como o "século da humilhação". O Partido Comunista Chinês utiliza esse período "como uma forma de inflar o orgulho nacional, ressaltando a importância da conquista da soberania e da riqueza". PINHEIRO-MACHADO. *China, passado e presente*, p. 103.

O Brasil Império surge em breves momentos do *The coolie trade*, remetendo o leitor ao debate sobre a "substituição" da mão de obra escrava pela livre – após o fim do tráfico atlântico de africanos determinado pela Lei Eusébio de Queirós. Em um deles, observamos um acordo entre o governo central e uma firma estadunidense. Nos anos 1850, eles pactuaram a contratação de dois mil trabalhadores chineses por 18 meses. Segundo Arnold J. Meagher, poucos asiáticos teriam desembarcado na Corte. Outro momento, mais conhecido pela historiografia brasileira, destrincha um debate político ocorrido no final dos anos 1870, sobre prós e contras da imigração chinesa em um país que se queria "branco" e "civilizado".⁵

Para finalizar essa resenha, destaco alguns fatores que apontam para a relevância historiográfica do *The coolie trade*. Arnold J. Meagher demonstrou que, no transcorrer do século XIX, para os capitalistas, o Atlântico não deveria ser a única via para se arregimentar mão de obra. No período em quadro, por mais que o número de imigrantes chineses não seja demograficamente relevante no Novo Mundo, em relação ao total de europeus e de africanos, lugares como Cuba e Peru estiveram bastante conectados aos fluxos e refluxos transoceânicos. Na mais longa duração, o trabalho compulsório dos asiáticos deixou marcas políticas, culturais e sociais naqueles espaços latino-americanos. Lima e Havana, por exemplo, ainda possuem seus bairros chineses.

Conhecer mais de perto a presença chinesa na América Latina oitocentista permite que aprofundemos nossos estudos sobre o trabalho compulsório em escala global. Junto disto, comparativamente, podemos, nós, historiadores brasileiros, encontrar ainda mais elementos para relativizar e complexificar o que ficou conhecido como "transição" do trabalho escravo para o livre. Para tanto, basta observar os projetos de imigração asiática que não saíram do papel e as poucas levas de chineses que desembarcaram no Império do Brasil. Isso permite que discutamos o problema da "substituição" do africano para além de casos europeus – os idealizados homens brancos laboriosos e disciplinados. É isso que tem motivado minhas atuais pesquisas.

Recebido em 13/02/2017

Aprovado em 21/02/2017

5 Faço aqui uma breve nota para analisar a presença brasileira no *The coolie trade*. Apesar da insignificante presença de trabalhadores chineses no império de D. Pedro II, os dados oferecidos por Arnold J. Meagher podem ser parciais. Paralelamente à minha atual investigação, faço pesquisas empíricas sobre a segunda metade do século XIX. Realizadas nos arquivos cariocas, encontro alguns trabalhadores chineses em obras ferroviárias e urbanas, presos por indisciplina, labutando como peixeiros em mercados públicos e vivendo pessimamente na região do Morro do Castelo – onde alguns deles vendiam e consumiam ópio. Certamente, um maior investimento na documentação disponível permitirá que conheçamos uma história absolutamente interessante e peculiar.